

ARCHIVES DE MÉDICINE NAVALE

Tombo vinte e sete

Paris, 1877

CONTRIBUIÇÕES À GEOGRAFIA MÉDICA A ILHA DE SANTA CATARINA

Pelo Dr. H. Rey
Médico Principal da Marinha

Tradução de Romilda Brisighelli Salles*

Situação: A Ilha de Santa Catarina, a Jurere-Mirim dos Índios, a Ilha dos Patos dos primeiros exploradores, está situada na costa oriental do Brasil, a 27° 33' 25" de latitude S. e a 50° 54' 24" de longitude O. Ela se estende paralelamente ao lado, na direção do N. ao S. Sua forma é de um triângulo mais alongado e bastante irregular que mediria por volta de 50 km na sua parte mais longa e teria 10 km de largura média. O perímetro da ilha é de mais ou menos 160 km e sua superfície de 410 km².

A ponta ou o vértice do triângulo é representada pela Ponta dos Naufragados, na extremidade S da ilha; a base pelas praias São Francisco e das Canas (ou Canavieiras), ou ainda por uma linha que se estenderia da Ponta Grossa de São José à Ponta dos Ingleses, no lado E. Um canal pouco profundo, semeado de ilhotas e de recifes, separa a ilha do continente.

No meio de seu comprimento, este braço de mar se retrai a ponto de não ter mais que 440 m de extensão transversal sobre a ponta da ilha que corresponde a esta estreita passagem (o Estreito) está a vila de Nossa Senhora do Desterro, principal lugar da ilha e capital da província de Santa Catarina.

Sob o nome de ancoradouro da baía de Santa Catarina se deseja falar, mais habitualmente, da metade norte do estreito compreendido entre a passagem

* Formada em Francês do Curso Extra Curricular de Francês do Instituto Estadual de Educação e Aliança Francesa.

- Artigo publicado na Revista do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina, n. 18 de 1999, p. 9-42

de Desterro e a barra do Norte. Nesta grande baía se encontram as ilhas de Ratonos Grande e Ratonos Pequeno, a ilha do Francês, e ainda bem perto da costa continental a ilha de Anhato-mirim (27° 25' 32" latitude S, 50° 55' 26" longitude O) dominada pelo forte de Santa Cruz, diante da qual vem atracar grandes embarcações de guerra.

História : Pelo ano de 1515, quinze anos após a descoberta do Brasil, um navegador espanhol, Jean Diaz de Solis, enviado para explorar o Rio da Prata, desembarcou numa baía situada entre 27° e 28° de latitude austral. Ele deu o nome de Baía dos Perdidos para esta baía, e foi então a primeira pessoa que conheceu este lugar chamado depois de Ilha de Santa Catarina.

Depois de Solis, dois outros espanhóis, Sebastião Cabot (1525) e Diego Garcia (1526) se hospedaram nesta ilha. Seus primeiros habitantes, os índios Carijós, a chamaram Jurere-Mirim (Mirim, pequeno, dialeto guarani). Em 1532, o português Pedro Lopez de Souza aí aportou ao retornar da Prata: a ilha era já habitada por alguns espanhóis, o que o fez partir. Foi, talvez, nesta época que a ilha recebeu o nome de Ilha dos Patos, em razão do grande número destes palmípedes que habitavam as margens de seus lagos interiores. Em meados do século XVII esta ilha tinha um mau conceito: era um lugar de refúgio dos piratas.

Em 1650, Francisco Dias Velho Monteiro, com seus 4 filhos- 2 filhas e 2 filhos, se estabeleceu ou melhor foi exilado na Ilha dos Patos e aí construiu uma capela à Nossa Senhora do Desterro. Tal foi o começo da atual vila do Desterro.

Monteiro tinha reunido na vila cerca de 500 índios, quando um acontecimento inesperado veio perturbar esta colônia nascente e terminou numa tragédia sangrenta. Monteiro vivia tranqüilo, quando um navio holandês, que vinha do Peru e que sofrera avarias, aporta na Ilha com a intenção de reparar o estrago. Descarregou sua carga no lugar conhecido hoje como Ponta das Canas, supondo que fosse um lugar deserto. Monteiro não tardou a desenganar cruelmente estes estrangeiros: ele os atacou e sua fuga foi tão precipitada, que eles deixaram na margem uma grande quantidade de lingotes dos quais o português se apoderou. Ele não seria por muito tempo o feliz possuidor deste tesouro: os holandeses voltaram cheios de desejo de se vingarem. Monteiro estava preparado para se defender; mas os holandeses chegaram inopinadamente pelo mato, o surpreendendo e aos seus. Seu primeiro cuidado foi exigir a restituição do dinheiro que lhes havia sido tomado. Enquanto o chefe da família se dispunha a seguir suas ordens, aqueles soldados brutais ofendiam indignadamente as duas jovens filhas de Monteiro: Monteiro se apoderou da arma

que um deles portava e foi contra eles; mas um golpe mortal o surpreendeu. Esta família desolada abandonou a ilha e se retirou em completo isolamento.

Durante longos anos não se falou mais desta ilha. Pelo ano de 1720 D. João V de Portugal enviou para a ilha trabalhadores dos Açores e da Madeira para povoar a ilha e o continente vizinho. Por um decreto de 24 de maio de 1828, Santa Catarina foi ocupada militarmente e recebeu uma guarnição. Nesta época, talvez, foi construído o forte de Santa Cruz, hoje meio arruinado, que se eleva na Ponta Grossa de São José. A necessidade de uma ocupação efetiva e de uma administração se fez sentir seriamente e segundo disse Frezier, desde 1712 a Ilha de Santa Catarina era o lugar para onde deportavam vagabundos de outras províncias do Brasil.

As dificuldades surgidas entre a Espanha e Portugal por causa da posse da margem esquerda do Rio da Prata, atraíram a atenção da corte de Lisboa para a ilha e para as terras vizinhas do continente. Em 1739, o território de Santa Catarina foi elevado a capitania subordinada à capitania do Rio de Janeiro. O brigadeiro José da Silva Paes foi seu primeiro governador (7 de março de 1739). Esta capitania estendia sua jurisdição até o território do Rio Grande. Em 1749, D. João V designa a vila de Desterro para ser a sede de um ouvidor (auditor, juiz) cuja jurisdição compreendia a ilha de Santa Catarina.

Em 1769, os espanhóis invadiram a ilha; ele são repelidos pouco tempo depois. Nesta época os portugueses se preocupavam em aumentar as fortificações; isto não impediu os espanhóis de voltarem uma Segunda vez em 1777. Neste mesmo ano, pelo tratado de S. Ildefonso, a ilha retornou à coroa de Portugal. O governador F.A. da Veiga Cabral da Câmara, homem escrupuloso e instruído, teve que reparar os estragos da invasão. Foi durante sua administração que La Perouse fez uma escala em Santa Catarina e, foi recebido cordialmente.

Nesta época, estas paragens eram freqüentadas pelas baleias, e as armações, ou empresas de pesca (de que não resta hoje nada a não ser o nome dado a uma baía) estavam em plena atividade. Sob o governo de Moraes de Barros Teixeira Omem foi fundado o Hospital de Desterro com o nome de Casa da Misericórdia. Foi no governo de seu sucessor J.M. Faria Pinto que se desenvolveram as primeiras plantações de café que hoje representam uma das principais riquezas do país.

A partir do estabelecimento do império do Brasil (1822) a capitania de Santa Catarina formou uma província do Império compreendendo 6 distritos ou comarcas

das quais dependiam 11 municípios, dos quais dependiam 39 paróquias. A cidade do desterro é a capital da província. Em 1862, a ilha contava com 21.000 habitantes, espalhados nas 8 paróquias que compunham seu município.

Aspecto geral : O solo de origem vulcânica é fortemente acidentado. No interior, na metade norte da ilha, duas cadeias de montanhas cujos picos mais altos medem de 300 a 400 metros de altura, correm um pouco perto e paralelamente uma da outra, seguindo a direção norte-sul, elas vem banhar suas extremidades na Grande Lagoa. As margens desta lagoa se desenvolve a paróquia de Nossa Senhora da Conceição.

Na metade meridional, um grande espaço é ocupado por terrenos baixos e cobertos de água, os quais fazem ligação com a Pequena Lagoa (Lagoinha). Estes vastos pântanos são dominados por uma série de elevações que se estendem até a extrema ponta sul ou Ponta dos Naufragados. Destes cumes o mais importante é o monte Cambirela (600 metros) ao pé do qual, na orla do mar, se abriga a vila de Ribeirão (Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão).

A região é de ilha que olha o grande mar e é baixa na maior parte de sua extensão, salvo nos arredores da praia da Galheta. A costa oposta ao estreito é formada, desde sua origem ao norte até abaixo de Desterro, de colinas pouco elevadas, muito arborizadas que deixam entre elas vales cobertos de verdor e irrigados por riachos. Quando desce a costa encontra-se esta disposição de terrenos a partir da embocadura do Rio Ribeirão.

O pé das montanhas e a estreita orla de terra que os separa da praia são cultivadas; de distância em distância próximo às culturas, se erguem habitações isoladas ou agrupadas. Quando se chega na margem em canoa, estas pequenas casas brancas perdidas no verdor dos cafezais, das bananeiras, das laranjeiras, agradam aos olhos Lesson bem viu este pequeno ponto do globo: “O terreno, disse ele, que forma as costas da ilha de Santa Catarina, é fortemente escavado. Colinas, montanhas, qualquer planície pantanosa, agradam a vista. Um rico verdor produzido por espessa formação de árvores e arbustos tropicais se estendem no horizonte como um vasto tapete e um navio no meio da baía parece envolto num círculo de profundas florestas. Este luxo de vegetação é o resultado de uma atividade prodigiosa; e embora a estrutura mineral das montanhas seja recoberta de uma leve espessura de terra fértil, árvores vigorosas, plantas com muita folhagem, ervas de caules flexíveis ocupam uma parcela deste solo novo coberto de sua graça primitiva.

A vila de Desterro, com suas casas brancas e de boa aparência, a maior parte delas com um só andar, não tem mau aspecto. Mas se nós nos reportamos à descrição pouco lisonjeira que faz o Dr. Ribeiro de Almeida dos bairros da Toca, da Pedreira e da Figueira somos obrigados a constatar com pesar que a higiene pública está aqui em medíocre estima e que sob esta boa aparência se escondem desagradáveis realidades. Esta vila se ergue em anfiteatro sobre o fundo de uma colina. Suas ruas, mal pavimentadas são, em geral, orientadas do leste para oeste, para serem abrigadas do vento sul, freqüente neste estreito: um só lugar, o Largo do Palácio, no qual se encontram o Hotel do Presidente da Província, a igreja principal, o correio e o mercado.

A ilha de Anhatomirim, separada do continente por cerca de 200 metros tem outra importância do que aquela que lhe dá seu velho forte estragado, cuja manutenção não deve ser uma carga pesada para o orçamento do Império. Ele é dirigido por um excelente homem, velho soldado da guerra do Paraguai, M. Manoel Gilabdo de Carmobarros, tenente coronel da reserva.

Um oficial colocado às suas ordens é encarregado do serviço sanitário; é na ilha que se deve apresentar o imposto de saúde. Numa casa vizinha ao forte são recebidos os loucos da província: em outubro de 1875 deles havia uma vintena, mais ou menos.

Recursos: O movimento comercial da província de Santa Catarina, feito, na maior parte, pela capital, era em 1860, de aproximadamente 1.200.000 francos de nossa moeda (importação, 800.000 francos; exportação 400.000 francos). Durante o período de 3 anos, de 1868 a 1871, o movimento anual da navegação em alto mar e de cabotagem, que se faz no litoral da ilha da província compreende em média (navios, frete e equipagem).

Média Anual	Entradas	Saídas
Número de navios	176	137
Id. de tonelagem	28.564	27.248
Id. de homens de equipagem	1.355	1.145

Hoje, duas linhas de barcos a vapor brasileiras e uma linha inglesa ligam Desterro ao Rio de Janeiro e a Montevideú; um cabo telegráfico faz a comunicação com esta última cidade e ao norte com Santos (província de São Paulo) Desterro tem seus periódicos: “*A Regeneração*”, e dois outros. Possui uma guarnição militar de 400 homens, alojados em 2 casernas de boa aparência; na enseada, uma escola de aprendizes de marinho (quartel dos meninos); uma escola para moças, escolas públicas, quatro igrejas, 3 hospitais. Uma agência de correio recebe as correspondências para todo o país.

O comércio de exportação consiste sobretudo em couros de boi, café, bananas (expede-se milhares de pencas em cada navio que vai a Montevideú), ovos, feijão preto.

A baía de Santa Catarina é um excelente ponto de escala para os transportes que vão à Nova Caledônia. Apesar da distância de 11 milhas que separam a vila de Desterro do porto de Santa Cruz, com a ajuda de barcos a vapor se pode abastecer confortavelmente. O mercado é abastecido; funciona na terça-feira e na Sexta-feira. Ali se encontra frutas (laranjas, limões, bananas), legumes (saladas, tomates, couves) ovos, manteiga, peixes, aves (peruas, frangos, patos, galinhas d’angola) e carnes de açougue. Encontra-se facilmente bois vivos. A enseada é muito piscosa, e os pescadores vem oferecer o produto de sua pescaria.

A água é rara no Desterro e sua qualidade, segundo o Doutor Ribeiro de Almeida, deixa muito a desejar; mas os navios acham facilmente água excelente, não longe de um lugar favorável para lançar âncora na baía da Armação. Os passageiros podem usufruir, em terra, do prazer do passeio; eles encontrarão, ao longo do mar, caminhos estreitos cheios de verdor e de flores. As pessoas locais são muito hospitaleiras. O comandante de L’Orne em 1874 durante semana passada em lugar favorável para aportar em Santa Catarina, pode deixar a seus passageiros (homens, mulheres e crianças – não se refere aos condenados) com a aprovação do comandante do forte, a liberdade de se fixar em terra, à sua vontade.

Eles encontraram boa acolhida junto aos habitantes, viveram em suas casas, com eles, em perfeita harmonia: não havia nenhuma queixa e no dia da partida, cada um chegava todos se encontravam com satisfação de haver passado alguns bons dias em terra. Todos, me disse o ex-comandante deste navio, haviam feito ampla provisão de laranjas, limões, bananas, etc... Estas frutas foram, mais tarde, as bem vindas durante esta longa travessia de perto de 3.000 (medida linear de valor variável) “*lieues*” entre Santa Catarina e Nouméa.

Em casos de epidemias no Rio de Janeiro, era em Santa Catarina que um navio poderia vir encontrar um local favorável para ancorar, apesar de, como veremos mais adiante, a ilha tivesse que suportar, muitas vezes, doenças epidêmicas.

Mês do Ano	TEMPERATURA			ALTURA	OBSERVAÇÕES
	Às 9hs da manhã e às 9hs da noite (média)	Ao meio dia	Média	BAROMÉTRICA mm	
Janeiro	25°,51	26°,57	26°,04	755,994	A altura barométrica expressa em milímetros de mercúrio, é a redução a 0° centígrados de pressão informada ao meio-dia. Os instrumentos são de um polo fixo e a uma altura de 9,768m acima do nível do mar, do qual está afastado 45 metros.
Fevereiro	26°,09	27°,21	26°,25	756,643	
Março	24°,90	26°,25	25°,57	757,724	
Abril	22°,92	23°,99	26°,46	759,067	
Mai	19°,69	21°,00	20°,31	759,450	
Junho	18°,26	19°,75	19°,00	760,825	
Julho	15°,82	17°,69	16°,64	761,615	
Agosto	17°,16	18°,71	17°,96	760,902	
Setembro	18°,62	19°,88	19°,25	760,888	
Outubro	20°,62	22°,13	21°,54	758,354	
Novembro	22°,08	23°,44	22°,76	757,486	
Dezembro	24°,32	25°,61	24°,96	755,767	
Médias	21°,32	22°,66	22°,01	758,728	
Estações:					
OUTONO (de 20 maio a 21 junho)	21°,55	22°,81	22°,18	759,280	
INVERNO (de 22 junho a 22 setembro)	16°,99	18°,55	17°,77	761,206	
PRIMEVARA (de 23 setembro a 21 dezembro)	21°,40	22°,67	22°,03	758,331	
VERÃO (de 22 dezembro a 19 março)	25°,57	26°,72	26°,14	759,362	

Vê-se, após estas indicações (do quadro) que a ilha de Santa Catarina tendo uma temperatura média de 22°, deve ser inscrita na “zona de países quentes”, compreendido entre as linhas isotérmicas de + 25° e + 15°.

O intervalo entre o inverno e o verão = 8°. 37°; quanto às duas estações intermediárias, elas diferem apenas de 2 décimos de grau: - O dia mais frio corresponde a 28 de julho; a termométrica média deste dia é de 14°, 61.

O dia mais quente, 22 de fevereiro, 28°,89. A diferença entre estas duas temperaturas extremas e de perto de 14° (13°,98) – Entre o mês mais quente, fevereiro e o mais frio que é julho, a diferença (9°,64) é entre 10 graus.

O barômetro marcou a 18 de julho: 765042 ; desceu ao mínimo de 752,695, em 27 de janeiro. A diferença entre estes limites extremos é de 12,347.

Os ventos reinantes na Ilha de Santa catarina são NE, NO, SE e SO; os ventos de NO trazem bem tempo, e os ventos de SE, no inverno, são extremamente chuvosos.

As marés só são regulares no estreito com a aproximação da conjunção do sol com as luas nova ou cheia; a diferença entre a maré baixa e a maré alta é pouco maior que 5 pés (1,6). A maré sobe na baía do S de S. a N., e sobe na baía Norte de N a S. de maneira que as águas vem dos dois lados se acumular contra a cidade, construída perto do pequeno estreito que serve de limite às duas baías das quais se forma o estreito: elas se correm em seguida em sentido contrário.

A variação da agulha imantada foi encontrada no Desterro em outubro de 1851, de 5°29' NE.(Barral Anais marítimos, 1852).

O doutor Ribeiro de Almeida assinalou a extrema umidade que existe no Desterro.

Aí não se ficará de forma alguma surpreso, se preocupam com a enorme quantidade de água que vem tanto do S quanto do N, e que termina seu trajeto diante desta cidade. Além do mais, os ventos do N. vem sempre carregados de vapores aquosos e são freqüentemente acompanhados de chuva. Os que vem do S. são fortes brisas dando seqüência aos pampeiros do Rio da Prata; eles afastam a umidade e abaixam a temperatura rapidamente. Se, logo que eles surgem, o ar estiver saturado de umidade, eles condensam o vapor d' água em uma chuva de curta duração seguida de uma atmosfera de admirável limpidez. Nós pudemos julgar durante a nossa estada em Santa Catarina: esta extrema transparência do ar nos recorda as mais puras tardes da baía de Salamine (antigo nome de Chipre).

Apesar das mudanças bruscas de temperatura que os ventos do sul ocasionam, o doutor Ribeiro de Almeida considera que estes sejam mais favorecidos que os ventos quentes e úmidos da parte oposta.

Constituição do solo – O terreno de Santa Catarina e do continente vizinho é inteiramente de formação primitiva. O esqueleto da ilha se compõe por inteiro, de uma camada profunda de granito disposta em grupos que não se pode calcular a espessura e que se observa sobre os recifes que o mar banha tanto quanto sobre o pico das montanhas.

Seu grão é grande feldspato é colorido de vermelho, o quartzo tem uma cor cinza, a mica aí é pouco sensível. Nos blocos expostos de granito que se observa sobre o cume das montanhas, em Ponta Grossa, São José notadamente, veias prolongadas de quartzo amorfo serpenteiam na densidade da camada.

O granito de certos lugares, em São Miguel, por exemplo (no continente) parecem conter mica preta e de ferro oxidado espesso nos fragmentos em desgaste. O quartzo, mesmo sob a forma de pequenos cristais, afia muito porções de rocha submetidas às injúrias do tempo. Uma areia muito fina cobre as praias de diversas angras. Nenhuma espécie de rocha se ofereceu às minhas pesquisas. Não se encontrou nenhum vestígio de carbonato de cal (Lesson).

Nas partes em declive, na rocha se superpõe uma camada argilosa e, em baixo dela, uma camada freqüentemente considerável, de terra vegetal. A presença de argila formando um leito impermeável explica a sua presença em abundância que existem nos barrancos dos vales da parte oriental da ilha. Ao fundo dos vales, terrenos movediços, formados de fragmentos vegetais em via de transformação, esperam pela drenagem e pela cultura. Durante as grandes chuvas eles ficam meio submersos, pelas águas vindas das colinas, visto que o riacho que elas formam é sempre mais ou menos obstruído, na sua embocadura, pela areia do mar.

Grandes blocos de granito isolados, dispostos como em equilíbrio são encontrados nos flancos dos vales. Já observamos em outra ilha da costa brasileira (Ilha Grande um pouco ao sul do Rio; sua constituição é semelhante a de Santa Catarina), e marcadas de uma maneira ainda mais surpreendente, as estranhas disposições destes blocos irregulares. Como vieram eles parar assim, como pontos de interrogação, no meio de seu trajeto? Os fenômenos glaciais dos quais Agassiz encontrou traços no norte do Brasil, estenderam suas ações, de norte a sul, ao longo das margens deste continente, e estas grandes massas de granito, - estes obeliscos que o tempo deixa na sua passagem, como os chama Lesson, - tem sido abandonados pelo gelo que os mantinha sob pressão?

Botânica: A vegetação intertropical surpreende o recém – chegado tanto pela sua riqueza e sua exuberância, quanto pelas formas inesperadas, o aspecto singular, a elegância caprichosa de seus elementos. As florestas do Brasil tem o mesmo nível majestoso de nossos grandes bosques; a gente se ressentido quando o olhar mergulha no meio destas forragens inexplicáveis de milhares de hastes entrelaçadas, é o horror secreto do desconhecido. Este mundo vegetal não é mais o nosso: nossas labiadas, nossas crucíferas estão ausentes; para as substituir, eis as orquídeas fixadas em parasitas em todas as cavidades dos rochedos e nos troncos das velhas árvores. Suas flores apresentam formas insólitas e coloridos estranhos. Eis as eufórbias de grande porte, as palmeiras, os bambús, as samambaias arborescentes as quais à sombra dos grupos de grandes lírios de cor vermelho – aça froado. Al lado, no terreno reservado para a cultura, encontramos a mandioca, o café, o algodoeiro, as laranjas, os limões, cercando as cabanas.

Altos paletuvios cobrem os pântanos profundos que ocupam diversos pontos das margens da baía. Florestas espessas, copadas e impenetráveis, atapetam as montanhas; espessos grupos de “lantana” formam moitas; os lugares descobertos são revestidos por um belo “melastome”. Uma grande variedade de plantas afetam a organização dos cipós, fixando-se no tronco das árvores, subindo até a sua copa, caindo, se levantando para formar nos barrancos, arcas de flores, tão elegantes quanto variadas.

As velhas árvores, apesar do vigor de seu crescimento são cheias de plantas parasitas; tufos de bromélias de longas folhas pontudas se alojam nos ramos e parecem grandes ninhos. A “lillandzia usncóides”, ou barba espanhola, cai até o chão em flocos brancos e delgados, que parecem dizer a sua avançada idade. Chega mesmo às madeiras moitas que cogumelos brilhantes, de um vermelho de cinabre, fazem reviver se aproveitando de seus detritos.

Quanto aos acotiledoneos, as espécies que pude examinar de cogumelos agáricos, algas, bissos, sargaços, musgos, líquens, mas sobretudo uma grande variedade de samambaias: estas afetam diversos refúgios, desde aqueles de grammas mais tênues até aqueles que imita a coluna esbelta das palmeiras.

Quanto aos monocotiledones, o grupo das aroídeas, que procura os lugares frescos e unidos conta com muitas espécies nos gêneros: Dracontium, Antúrio e Pothos. As palmeiras não são muito numerosas. Cultiva-se o coqueiro (Coco butyracea) duas ou três palmeiras das Antilhas vivem nas florestas. O coqueiro aí se

desenvolve mal; esta soberba palmeira que está no limite mais austral, aí não produz nada de frutos.

As plantas mais notáveis por suas flores contam com belas espécies: tais são as commelina, as amaryllis, os ananases, o sisal, as tillanduas (da família das bromélias), as bananeiras, as heliconia, as canas, as maranta e uma grande variedade de orquídeas.

As dicotiledoneas estão num setor privado de um grande número de milhas. Algumas plantas da Europa, tais como anagaste, anethum, plantago, stachys foram importadas para Santa Catarina e aí se aclimataram. As águas dos pântanos estão recobertas de uma pequena planta unicular e de uma menianthe. Encontra-se aí solaneas, plantas cujo fruto é uma baga ou cápsula, as boragineas, as campainhas, e sobretudo muitas begônias, banisteria e jacarandá.

As apocineas, as chicoráceas tem 4 ou 5 espécies. As corimbíferas oferecem 2 gêneros, das quais uma é uma espécie arborescente e o outro é afilo, isto é, desprovida de folhas, mas com caules alados. As malváceas são representadas pelas malvas, sida, hibiscos, gossypium. Os cactus são numerosas espécies. Nas murtas se naturalizou a eugênia. As leguminosas se compõe de espécies belíssimas: elas apresentam todas as formas indiferentemente: hastes longas sarmentosas, troncos robustos com amplas ramagens ou caules humildes, modestos dos arbustos ou ervas, tais são as mimosa, cássia, caesalpina, bauhima, dolichos, indigofera, etc (Todas plantas da região tropical). As euforbias aí se encontram sob o aspecto tanto filiforme como de arbusto. As mamonas e “jatropha” também são cultivadas. As curcubitáceas aí são as anemonas, as carica, as urtigas, os ficus e pipeo.

À beira mar, observa-se tamarindos, nos jardins se vê ervilhas de cheiro, camomila, gerânios, roseiras abundantes aos pés de “datura” com grandes flores brancas que os nativos chamam de corneta branca. Próximas ás ervilhas de cheiro encontra-se a cada passo uma Asclepiade com flores vermelho-alaranjadas (Asclepias curassavica), que dizem ser tóxica. Muito comum é a sensitiva (mimpudicas).

As culturas nos apresentam a mandioca e o feijão vermelho (feijão dos Brasileiros), que são a base da alimentação da população; e também o arroz, o milho, a cana de açúcar, o café, a banana, o repolho, a batata chamada aqui inglesa. As laranjeiras são numerosas e dão frutas deliciosas. Os limões se encontram igualmente como as abóboras menina e se desenvolvem bem. As vinhas crescem bem aqui; na ilha. Na ilha de Anhato-mirim eu vi uma bela trilha de figueira, amendoeira

e pessegueiro dando frutos. As hortas fornecem couves, aipo alface e rabanete. O trigo não se desenvolve bem.

Zoologia – “O reino animal não é menos interessante que o reino vegetal”, diz Lesson. Este iminente naturalista indica, no decorrer de seu relato, as espécies seguintes:

Quadrupedes - O macaco (*callitrix capucina*), preguiças, cotias, tatu aos bandos, são os mais comuns.

Ofídeos - Muitas espécies perigosas de serpentes, mas muito menos do que se imagina. Um grande lagarto (*lacerta teguxin*) é muito comum; os nativos comem a sua carne que dizem ser muito delicada.

Pássaros - Diversas variedades de colibri (chupaflor), picaflor, chameleão dos brasileiros); orvert é a espécie mais comum, tangarás entre outros, o tangará cardeal; cambacicas, pardais, “lanius”, “os gaulus” e os bentevis (*lanius sulfuraces* e *pitangua Gm*); os aracarís, tucanos, o “ani das savanas”, o “marail” da Armação; pássaros de mar, a fragata, os gansos.

Peixes - Uma espécie de pequenos peixes os “pimelodes”, muito abundante e chamado vulgarmente de albacora (parece semelhante ao bonito). “Pescam quantidades incríveis; para o país é um ramo lucrativo de comércio, ao mesmo tempo que alimenta a classe miserável pelo ano todo. Usa-se faze-lo seco ou defumado. Em cada cabana, se vê, suspensos do chão, estas provisões de inverno” (P. Lesson). Há também o cação martelo.

Moluscos - Uma bolha (bulle), em grande quantidade, um molusco, a ostra do Brasil, extremamente boa, embora de pequeno porte, um molusco de um belo vermelho “la bulime ‘a bouche rose”, grande concha terrestre, muito comum nas árvores. (La bulime ‘a bouche rose = gasterópodo de boca vermelha).

A estas espécies dever-se-ia juntar as seguintes :

Conchas terrestres : “ le *Bulimes ovatris de Beeve*”, caramujos.

Conchas marinhas: “la *púrpura haemastoma*”; muito procurada; a “*littorina athena*”, “des *pétoncles*” em grande quantidade; “la *Venus paphia*” muito comum; “des *trochus*” conchas dentadas, uma espécie de conchas.

Demografia - A vila do Desterro contava em 1862, de acordo com o último recenseamento, 6.353 habitantes; - 14.783 formavam a população de diversas outras paróquias da ilha e habitantes espalhados ao longo da costa (429 de população urbana para 1.000 de população rural). Resumindo, a ilha de Santa Catarina, era então habitada por 21.136 pessoas; isto resulta em 48 habitantes por quilometro quadrado.

Dois anos antes, ou, com o excedente dos nascimentos sobre os óbitos atinge apenas 190 durante cada um dos anos de 1860 e 1861 é a imigração que são devidos os dois terços deste crescimentos. Consequentemente, não é possível dizer qual o número desta população hoje pela ignorância de não saber que parte da imigração tem contribuído à sua elevação. Tudo que se pode adiantar é que, crescendo através de sua única atividade e com a condição de que nenhuma causa acidental (epidemia, fome, etc.) não venha parar a ascensão, esta população pode chegar atualmente ao número mínimo de 25.000 habitantes.

Quanto à vila do Desterro, diz-se que era habitada em 1862 por 6,353 pessoas. Para esta população, o crescimento anual, por excedente dos nascimentos sobre os óbitos não era naquela época superior a 0,25 por 100 habitantes: proporção muito fraca, o que lhe daria hoje apenas 6.600 habitantes, se a imigração não tivesse acrescentado amplamente a cifra desta aglomeração. De fato, é atualmente, se diz, em torno de 3.000 pessoas. Quando ao sexo, a divisão em 1860, era mais ou menos igual. A província inteira de Santa Catarina contava: homens – 56.822; mulheres – 57.775, ou em outros termos 1.000 indivíduos do sexo masculino por 1.016 do outro sexo.

Nascimentos: O número dos nascimentos, ou mais exatamente das crianças apresentadas para o batismo (o estado civil não existe no Brasil), era, em 1862 por toda a Ilha de Santa Catarina de 808 por 21.136 habitantes ou de 38 por 1.000.

A natalidade não era igual na cidade e no campo. Assim, enquanto que no Desterro o número de nascimento era de 41 por 1.000, o resto da população que vive, e que vive mal nas vilas e em casas espalhadas nas praias não era mais que 36 nascimentos por 1.000 habitantes.

Falecimentos: A mortalidade nesta época, é de 596 óbitos para a totalidade da Ilha, ou seja de 28 óbitos por 1.000 habitantes.

A mortalidade que atinge a cidade do Desterro é sensivelmente diferente daquela que atinge a população rural: enquanto que no campo morrem 25 pessoas por 1.000 habitantes, na vila pelo mesmo número de habitantes, morrem 35 pessoas.

**Movimento da população da Ilha de Santa Catarina.
(ano 1862)**

População	Nasc. anuais	Por 1.000	Mortes anuais	Por 1.000	Nasc. sobre mortes
Urbana 6.353	264	41	224(1)	35	6
Rural 14.783	544	36	372	25	11
TOTAL 21.136	808	38	596	28	10

(1) Este número compreende somente os mortos que pertencem a P. Municipal. Se incluirmos as M. dos militares e colonos do Estado, num número de 46 no ano considerado, teremos um total de 270 M para uma P de cerca de 7.000 almas, o que resultará na enorme proporção de 38 M por 1.0000 da P.

Se acrescentarmos os óbitos dos militares e dos colonos do Estado chegaremos a um total de 270 óbitos, o que daria a enorme proporção de 38 óbitos por 1.000 habitantes.

A comparação das cifras de nascimentos com as de óbito, nos mostra que se nasce mais na cidade do que no campo, aí se morre numa proporção maior e que, com os cálculos feitos, a vantagem permanece com a população rural.

Vida média: Se quisermos saber a média de vida em Santa Catarina, naquela época, devemos aplicar a fórmula de:

$$\text{Ch. Dupim : VM} = \frac{P}{(N + O) 0,50}, \text{ nós encontramos:}$$

Média de vida em Desterro - 26 anos no resto da Ilha 32 anos no conjunto da população urbana e rural - 30 anos

Mortes ocorridas em Desterro, de 1º Julho 1862, 30 Junho 1863 (População Municipal = 6.353)

		1862				1863				TOTAL		MÉDIA		
		JUL				AGO				351		20º,2		
		SET				OUT								
		NOV				DEZ								
		JAN				FEV								
		MAR				ABR								
		MAI				JUN								
		T.				T.								
		Média				Média								
		=				=								
	16º,6	17º,9	19º,2	21º,5	22º,7	24º,9	26º,0	26º,2	25º,6	23º,4	20º,3	19º,0	351	20º,2
	29	12	12	34	17	27	32	42	39	39	36	32		

Resumo por Estações

Verão(jan/fev/mar)	Temperatura média = 25º,9	Mortalidade - 113
Outono(br/mai/jun)	Temperatura média = 20º,9	Mortalidade - 107
Inverno(jul/ago/set)	Temperatura média = 17º,9	Mortalidade - 55
Primavera(out/nov/dez)	Temperatura média = 13º,0	Mortalidade - 78

Por este quadro e pelo resumo que ele apresenta em seguida, pode-se ver, que das 4 estações do ano, a mais favorável para a cidade do Desterro é o inverno, que, compreende, no hemisfério sul, os meses de julho, agosto e setembro. O verão é mais perigoso: o número de mortes nesta estação é mais que o dobro da mortalidade do inverno. Morre-se ainda muito durante o outono. A primavera apresenta, de qualquer maneira, o meio termo: menos que no inverno e mais que no outono.

Durante os dois primeiros trimestres do ano, quando o calor é em média de 21° a 25°, isto quer dizer, mais elevado que durante o resto do ano, sendo então marcados por um maior número de mortes, não é possível de estabelecer uma estreita relação entre a elevação da temperatura de um lado e a mortalidade, de outro. Com efeito, nós vemos que nos meses de agosto e de setembro, quando a temperatura é, em média de 18,5° não há mais que 12 óbitos; mas eis que em julho, com uma temperatura de 16,6°, a mortalidade, longe de ser inferior a este número, se eleva a mais que o dobro.

Em Santa Catarina a estação fresca é menos funesta às doenças que a estação quente. Esta é, de maneira geral, a única conclusão à qual seja possível de se chegar.

Mortes ocorridas em Desterro, de 1° de Julho 1862 a 30 de Junho 1863

(População Municipal = 6.353)

	De 1 dia A 1 ano	De 1 ano a 2 anos	De 2 anos a 5 anos	De 5 anos a 15 anos	De 15 anos a 25 anos	De 25 anos a 35 anos	De 35 anos a 45 anos
Números absolutos	108(1)	41	34	14	28	25	33
Por 1000 P. Geral	307,6	116,8	96,8	39,8	79,7	71,2	91,6
Por 1000 vivos de toda as Idades	17,67	6,47	5,5	2,3	4,3	3,9	5,1

	De 45 anos	De 60 anos	De 70 anos	De 80 anos	De 99 anos	TOTAL
Números absolutos	22	23	15	6	2	351
Por 1000 P. Geral	62,6	65,5 ?	12,7	17,9	56	967,3
Por 1000 vivos de toda as Idades	3,4	3,5	2,3	0,9	0,3	54,8?

(1) – Este número compreende 3 nascidos mortos.

Observações: Comparando o número de M. com a P. por 1000 vivos
(a). Na França esta média é de 23 a 24 por P. vivos.

A primeira infância, (de 1 dia a 1 ano) paga à morte um enorme tributo: mais de um terço dos óbitos é fornecido por esta idade! Nós veremos mais adiante, quais são as causas que fazem sucumbir estas crianças em tão grande número. Até os 7 anos completos a infância sofre de grandes perigos.

Patologia

Doenças – Causas das mortes em Desterro (De 1º julho 1862 a 30 junho 1863)

1º - Nascidos mortos 3

2ª - Vícios de conformação

Hidrocefalia 2

3º - Mortos por velhice

Senilidade 3

4º - Mortes por acidentes ou por mortes violentas

Asfixia por submersão 1

Queimaduras 2

Morte súbita 7

5º - Mortes de doenças definidas

Angina 1

Aneurisma de coração 1

Arterite 1

Bronquite 1

Caquexia sífilítica	1
Câncer	1
Catarro crônico	1
Coqueluche	53
Crupe	3
Cistite	2
Desintéria	7
Eclampsia de crianças	4
Encocartite	1
Epilepsia	2
Febre perniciososa	4
Febre tifóide	7
Gangrena	1
Gastrite	2
Gastroenterite	34
Hepatite	3
Hérnia	4
Meningite	10
Morféia (lepra grega)	4
Oftalmia purulenta	1
Pleuro-pneumonia	10
Reumatismo	2
Tétano	1
Id. de recém nascido	10
Tuberculose mesentérica	2
Id. pulmonar	25
Varíola	12

6º - Morte por doenças mal definidas ou designadas somente por um sintoma destacado

Abcesso difuso	1
Aftas	1
Apoplexia	16
Asma	1
Caquexia palustre	1
Congestão cerebral	5

Consumpção (definhamento)	11
Convulsão	6
Diarréia	16
Eczema	1
Hemoptise	1
Hidropesia	12
Hidrotorax	2
Icterícia	1
Doenças cutâneas (sarna)	15
Id. verminose	2
Paralisia	2
Amolecimento cerebral	6
Conseqüência do parto	2

**7º - Mortes de causas
desconhecidas**

8

 351

As doenças mais freqüentes: “A anemia, diz o Doutor Ribeiro de Almeida, é endêmica na ilha e em grande parte da costa continental vizinha. Os habitantes de certas localidades verdadeiramente vale a pena ver, com sua aparência amarelada, suas extremidades emaciadas...” Ele atribui esta predominância da anemia a diversas causas: umidade, emanações palustres, cultura do arroz, má alimentação e alimentação insuficiente (mandioca, peixe, muito pouca carne), abuso do álcool ou melhor das bebidas alcoólicas.

As pessoas que vivem na cidade e que se alimentam um pouco melhor que os do campo apresentam também esta tendência à anemia.

Imagina-se que esta condição desagradável do organismo deriva de numerosos estados mórbidos: nevralgias, amenorréia, alterações das funções gástricas e intestinais (gastrite, etc.).

As febres intermitentes estão longe de serem raras nesta terra, sobretudo nos terrenos vizinhos aos alagados e pântanos. Os habitantes da paróquia da Lagoa (Lagoa Nossa Senhora da Conceição) vizinha da grande lagoa à qual este pequeno burgo dá seu nome, são quase todos atingidos e bom número dentre eles apresentam os sinais do enfraquecimento pela malária, mais ou menos pronunciado. Os acessos perniciosos ocorrem durante a estação quente; eles revelam freqüentemente o tétano e a cólera.

As doenças do aparelho circulatório são freqüentes aqui nas pessoas da paróquia do Ribeirão; o doutor Ribeiro de Almeida teve ocasião de atender diversos ataques cardíacos. Devemos ainda dizer o quanto a asma é comum nesta região. No quadro precedente, marcou-se o grande número de doenças cerebrais (apoplexia, enfraquecimento), cuja origem pode ser, muitas vezes, produto de uma lesão dos elementos vasculares encefálicos.

Em Santa Catarina, como em toda costa do Brasil, se encontra freqüentemente, a pneumonia de forma intermitente, a mesma que foi objeto das observações de nosso saudoso confrade e amigo o doutor Cornibert, no Rio da Prata. Aí eu vi diversos casos de forma benigna nos quais, em verdade, podia se perguntar se se tratava de uma pneumonia ou de uma febre intermitente. A maravilhosa eficácia do sulfato de quinino tirou logo todas as dúvidas.

Tétano dos recém – nascidos e eclampsia das crianças – muito freqüentes são estas duas doenças, e o número de vítimas que elas fazem não é pequeno. (R. de Almeida). A maior parte dos casos, denominados convulsões, no obituário, devem ser atribuídos a uma delas.

A eclampsia das crianças pequenas, diz o autor que tenho citado, e que traduzo religiosamente, é extremamente comum em Santa Catarina. São mais comumente reconhecidas por causa de uma perturbação ou uma dificuldade das funções digestivas (alimentos indigestos, constipação, diarréia provocada pelo uso de purgativos). Eu vi certa vez, a administração fora de época de um purgativo, único com substâncias vermífugas, provocar convulsões cujo fim não foi feliz. Certamente a presença de parasitas intestinais podem ocasionar diversos acidentes nervosos, e, entre outros, convulsões; mesmo não é difícil se constatar, nesta região, a existência de lombrigas nos intestinos, eu afirmo sem dúvida.

Mas isto é infinitamente menos freqüente do que se possa crer. Reina aqui uma verdadeira mania vermicida que freqüentemente leva ao infanticídio. “Quando uma criança sofre a mais leve indisposição, isto são os parasitas intestinais; e no mesmo instante correm ao farmacêutico da esquina, que imediatamente administra um vermífugo qualquer, de ordinário a santonina, sozinha ou associada ao cloreto de mercúrio, ao óleo de rícino em doses variáveis. De outra vezes se emprega, para este problema, as flores do absinto, o “pó d’angelline”, planta considerada tóxica no Brasil, a cascas da raiz da romã, etc... As pobres criaturas sobrevivem, durante um mês sem perdão algum, esta nova espécie de martírio, e não expulsam nem sombra de lombriga.

Seus carrascos não se desencorajam por tão pouco: “as parasitas estão escondidas, mas elas acabaram por sair”. – Eu conto fielmente aquilo que eu vi numerosas vezes; não é uma coisa inútil de se afirmar, porque na nossa época, tais barbaridades parecem inacreditáveis.

É importante assinalar uma outra causa, e muito séria da enorme mortalidade que atinge as crianças nesta região, é o uso prematuro de alimentos sólidos. Esta prática funesta é privilégio, mesmo salvo raras exceções, na classe inteligente da população de Santa Catarina. De tudo aquilo que os adultos comem, as crianças recebem sua parte, mesmo os mais jovens, crianças com alguns meses apenas, e isto mesmo quando a mãe ou a ama tinham tanto leite que não sabiam o que fazer com ele. Se alguém disser aos pais que isto é um hábito condenável, uma fonte de indigestão e de diarreia, eles respondem: “Ora essa! E nós não fomos criados da mesma maneira? - Nota-se que a pessoa que dá esta resposta, é, o mais das vezes, de uma saúde precária: sua infância foi difícil, viu morrer jovens irmãos ou irmãs por contínuas convulsões, de inflamação intestinal; ela mesma é atormentada neste momento por uma gastro – enteralgia (dor nos intestinos) implacável. Nada foi feito: tudo é culpa das parasitas intestinais”.

A asma – Numa casa da praia de Tijuquinha, no continente, em frente ao Anhatomirim, me mostraram um dia, uma criança de sete anos com uma crise de asma (parte ilegível) doença de uma freqüência extrema em Desterro, em toda a ilha e continente próximo. Todas as idades estão sujeitas à asma, e sobretudo os adultos. É comum que as asma esteja sobre a dependência dos herpes ou da predisposição para a artrite; de sorte que se vê acessos de asma alternados com a aparição de um eczema, de um eritema ou de uma artrite.

Tuberculose pulmonar – Das 351 mortes e mesmo das 348 (três mortes de recém – nascidos), 25 tiveram esta causa. Procurando o relatório sobre os óbitos por este motivo encontramos que, a mortalidade física, isto é o perigo anual de morrer de física era, no Desterro, em 1862 de 3,0 por 1.000 pessoas. Entre a população rural, parece que a tuberculose pulmonar é bem mais rara.

As manifestações da escrófula (oftalmias, coriza, abscessos, inflamação das glândulas, periotiste (inflamação das membranas que envolvem os ossos) cáries (escrófula pustulosas) são observadas ao contrário, mais frequentemente entre as populações rurais e do litoral que entre as pessoas da cidade.

(Frase ilegível)

O câncer não é de maneira alguma raro, segundo R. de Almeida, nas paróquias da ilha e do litoral.

A sífilis se instala aqui e se multiplica sem entrave de espécie alguma. O Brasil, de acordo com alguns relatórios, marcha a passo de gigante na via do progresso e não tem ainda polícia sanitária contra a prostituição. Aqui, a prostituição não é registrada, muito menos vigiada, jovens de alto nível, brasileiras ou estrangeiras, mulheres de cor, escravas ou libertas: todo um mundo vive da prostituição. Assim, a que leva isto? É a sífilis que reina e domina (entronizou-se, diz Ribeiro de Almeida, ela esta no pináculo!).

“O Exército, diz este autor, é por ela infectado ao ponto de que se você pegar um soldado ao acaso, você poderá dizer, com segurança, que ele está ou acaba de ser atacado por qualquer problema sifilítico. Entretanto, graças aos rigores da disciplina militar e às inspeções quinzenais, o mal não ocasiona todo o estrago que poderia produzir”.

Eis o que dizia, em 1864, um médico brasileiro cujo testemunho não pode ser suspeito. As coisas mudaram depois? Temo que não.

Cinco anos depois Bourel Ronciere escreveria as linhas que seguem: “Sabe-se o quanto a sífilis é comum no Brasil, onde a prostituição goza de uma liberdade absoluta...

A sífilis figura em forte proporção nas entradas do Hospital da Misericórdia do Rio de Janeiro, e testemunha o desleixo que reina nesta cidade quanto à profilaxia

pública desta doença. A prostituição aí é livre, acessível e tolerada, não há nenhuma medida preventiva que se oponha à sua propagação: nenhuma visita, nenhum aviso, nenhum dispensário. A varíola se alimenta pela chegada incessante de navios estrangeiros, e nenhuma disposição da polícia sanitária é tomada para parar o progresso do mal”.

No dia 31 de março de 1871, o Doutor José Pereira Rego, presidente do comitê central de higiene pública, lança, ele mesmo o grito de alarme no relatório oficial dos atos deste comitê. Ele assinala a freqüência, sempre crescente da sífilis na capital e nas províncias do Império; mostra como a varíola se associando as outras doenças contribui para o crescimento da mortalidade geral e reclama com insistência a adoção de medidas enérgicas destinadas a reduzir esta deplorável invasão.

(ilegível)

O que resulta deste estado de coisas, é que os acidentes secundários e terciários são aqui moedas corrente: a sífilis dá a mão à escrófula e à tuberculose; no número de causas que matam o recém – nascido, a varíola congênita ocupa um grande lugar. Nos hospitais entre as pessoas do interior se encontra deformações assustadoras, devastações horríveis.

Pela honra da valente nação brasileira, pela dignidade e saúde desta população tão hospitaleira tão benevolente, tão aficionada à França, e que não se pode conhecer sem guardar por ela uma lembrança de afetuosa simpatia, eu formulo um voto que é, entre os homens de grande valor (e eles são numerosos) de quem se orgulha, com justiça o corpo médico do Brasil, onde se encontra um que se devota a uma tarefa laboriosa, aquela de limpar as escuderias de Augias, e sem falsa vergonha, a exemplo do nosso Parent – Duchatelet, se dá corajosamente à missão de classificar, expurgar, por ordem nas imundícies da prostituição brasileira.

Doença de olhos: - Nós não devemos nos omitir de falar da grande freqüência das doenças oculares, e particularmente da catarata, entre a população de Santa Catarina, sem que todavia nós pudéssemos nada dizer no tocante às causas cuja freqüência pode ser (inelegível).

Doenças epidemológicas e desinterias (ilegível) reinam epidemicamente, em diversas épocas na ilha de Santa Catarina e no continente vizinho. De dezembro de 1849 até o fim de maio de 1850, a cidade de Desterro e os principais centros da ilha foram seriamente atacados por esta doença. Na capital a mortalidade mensal, que

nós sabemos ser por volta de 30 óbitos, se elevou a mais do dobro durante este período; se estima que os 7/10 das mortes provenham da epidemia reinante. A mortalidade surpreendeu sobretudo as crianças. Em 1852, nova epidemia de desintéria, 1/10 daquelas que foram atacadas pela doença sucumbem. São sempre os mais jovens que sofrem mais severamente. No ano seguinte a epidemia declina; ela só termina em 1854. Uma pequena epidemia de desintéria aparece em dezembro de 1861, exatamente na mesma época do ano (início da estação quente) daquela de 1849. Ela foi de curta duração (de 3 a 4 meses) escolhendo sempre suas vítimas, entre as crianças abaixo de 10 anos. A mortalidade foi por volta de 3/10 das doenças disentéricas.

A varíola – “Pode-se vê-la reinar de maneira esporádica e mais ou menos contínua, em todas as estações: os 2 sexos são igualmente atacados, ela atinge todas as idades e sobretudo a infância. Nos bairros da Toca, Figueira e nas ruas da Tronqueira, há quase sempre varíola, benigna em geral. A autoridade local tem assinalado muitas vezes o pouco zelo dos habitantes em se vacinarem, se bem que a vacinação seja absolutamente gratuita”. (Ribeiro de Almeida).

Epidemia de gripe no final do ano de 1862. Todas as idades foram atingidas, principalmente os adultos. O final, em geral, foi favorável.

Coqueluche – No mês de julho (1875), nosso colega o Doutor Abblard, médico de Forbin, estando em Santa Catarina, notou que quase todas as crianças, de diversos pontos, visitadas por ele, eram atacadas pela coqueluche. Nós mesmos, no mês de outubro seguinte, pudemos constatar a persistência desta doença entre jovens.

Em 1863, de janeiro a julho, M. Ribeiro de Almeida teve ocasião de ver igualmente uma epidemia mortal de coqueluche. Todas as crianças de Desterro eram atingidas sucessivamente, e muitas sucumbiam. A epidemia, disse ele, se espalhou somente pela falta de alimentos, da capital, ela ganhou outros centros da ilha.

Febre amarela – Em 1852 no mês de maio, a febre amarela fez sua primeira aparição na província de Santa Catarina, trazida por um navio a vapor, o Imperador, vindo do Rio de Janeiro. A doença era de curta duração, 2 a 3 meses. Estava-se na estação fresca, entretanto das pessoas atingidas pelo flagelo, 31 morreram: dois estrangeiros e as outras, pessoas do lugar.

No mês de janeiro de 1853, um navio de Hamburgo, o “Charles – Roso” chega ao ancoradouro de Santa Cruz (Anhatomirim) com a febre amarela a bordo. Ele vinha do Rio de Janeiro e tinha perdido 5 homens durante a travessia. O que restou da tripulação desembarcou na ilha de Ratonos: nenhum morto. Nenhum contágio, nem nos marinheiros de Santa Cruz, que haviam conduzido o navio de seu primeiro ancoradouro até o lazareto, nem nos soldados da guarnição de Ratonos. Outros navios, naquela mesma época, chegados com febre amarela, puderam todos se comunicar impunemente com a terra. Mas as coisas não tardaram a mudar.

No fim do mês de março deste mesmo ano de 1853, a febre amarela explodiu no Desterro e durou até julho. A metade da população, pobres e ricos, estrangeiros e brasileiros, subitamente foi atingida: a doença invadiu todos os bairros, mas atacou de preferência o lado sul da cidade. A tripulação dos navios ancorados na enseada foi poupada. Nesta invasão epidêmica, 87 pessoas sucumbiram, a saber: 66 brasileiros 11 estrangeiros e 10 escravos.

Nada de febre amarela por um período de 17 anos. No mês de fevereiro de 1870, se vê esta doença aparecer novamente e reinar durante 5 meses, se bem que desta vez sua esfera de atividade não atingiu toda a cidade (trecho ilegível). Mais da metade das pessoas atingidas morreram. A cifra da mortalidade, por esta causa, foi de mais de 810 óbitos durante estes 5 meses.

O Doutor J. Pereira Rego, a quem emprestamos estas informações, e outras que vão a seguir, referente à epidemias de cólera, fez referência de que das províncias marítimas do Brasil, Santa Catarina foi uma das menos atingidas pela febre amarela e uma das quais onde a doença menos se propagou: imunidade relativa, devida talvez, às condições climáticas locais.

Cólera – Primeira epidemia, 1855. A saúde pública era boa, nada fazia pressentir alguma invasão epidêmica, quando, a 16 de outubro, chega na baía de Santa Catarina o vapor Imperatriz, saído do Rio de Janeiro no dia 13 com diversos passageiros e 100 homens de tropa. Na véspera da chegada, 6 soldados morreram de cólera. A tropa é imediatamente desembarcada em Ratonos. No dia seguinte, 17 de outubro, mais 6 morrem de cólera. Das 50 pessoas que foram atingidas pelo cólera (50 soldados, 4 tripulantes do navio, 1 empregado negro, 1 negra da ilha dos Ratonos e 3 pessoas de Santa Cruz), 21 morreram (35 óbitos por 100 doentes), seja no lazareto, seja em Santa Cruz, onde foram 19 durante os 6 primeiros dias, a partir do desembarque. Das 14 pessoas que habitavam a ilha dos Ratonos, apenas

1 morreu: era uma negra encarregada de fazer a sopa para os doentes. No forte de Santa Cruz residiam 30 pessoas, somente 3 tiveram cólera, e 1 deles morreu, um negro (africano), com 60 anos de idade. A epidemia terminou.

Segunda epidemia – 1856

A 29 de fevereiro, no Desterro, um marinheiro negro, doente há alguns dias, desembarcou do veleiro Lima e morreu, na mesma noite, na casa de seu patrão.

No dia 3 de março, um mulato do mesmo veleiro deu entrada no Hospital de Caridade, atingido pela cólera e morreu no dia seguinte. Pouco depois, uma mulata, enfermeira do hospital e que havia tratado daquele doente; depois outras pessoas deste mesmo hospital; depois pessoas da vizinhança são atingidos pelo cólera. O flagelo atinge toda a cidade, surpreende particularmente as ruas Menino Deus, Ladeira, Prainha e arrebatada sobre tudo as pessoas de classe inferior, os escravos. Durante os dois meses (março e abril), que durou esta epidemia, das 200 pessoas atingidas, 65 morreram (31%) a saber: 41 pessoas livres e 22 escravos.

A cólera não se estendeu para fora do Desterro; entretanto houve dúvidas sobre 8 óbitos dos arredores; 3 na ilha, no Ribeirão; os outros no continente vizinho, em Santo Amaro e São Miguel.

Terceira epidemia – 1867

O navio a vapor Teixeira de Freitas, carregado da tropa para a armada do Paraguai veio ancorar em Desterro no fim de março de 1867. Acredita-se que havia cólera a bordo. Imediatamente lhe foi ordenado que seguisse para Santa Cruz e que aí desembarcasse seus doentes. Alguns dias após, outro navio chegou nas mesmas condições e recebeu instruções análogas. A tropa sofre seriamente durante sua permanência em Santa Cruz; um terço foi levado pela cólera.

As autoridades tomaram todas as medidas devidas para que a capital não fosse invadida pela epidemia: trabalho perdido.

A 20 de abril, um mês depois da passagem do primeiro navio infectado, um primeiro caso de cólera, apareceu no Desterro. Outros casos surpreenderam na mesma casa, na mesma rua. Em poucos dias a doença tinha atingido a cidade inteira: 171 pessoas morreram.

Nos hospitais militares das 287 pessoas com cólera, 115 morreram (40%). A epidemia, na cidade durou dois meses; ela não se espalhou pela ilha.

Beriberi – De setembro de 1869 a março de 1870, uma epidemia de beriberi, observada pelo doutor Joaquim dos Remédios Monteiro atingiu as paróquias de Santo Amaro e de São José, distante uma da outra quatro léguas. Era a primeira vez que esta doença aparecia nesta província. O beriberi se apresentou nas duas localidades na noite de uma estação chuvosa muito prolongada durante a qual os caminhos e os campos foram inundados e o rio Cubatão saiu de seu leito. Todos os doentes deram como origem da sua doença, a influência da umidade (roupas molhadas, caminhar na terra encharcada), ou a interrupção do suor ao atravessar um riacho engrossado pelas chuvas. (?)

Nestas duas vilas, o beriberi tem atingido sobretudo os homens: dos 50 doentes atendidos pelo doutor J. Monteiro durante esta pequena epidemia somente seis eram do sexo feminino. Destes cinqüenta doentes, ele não constatou mortes. Na vila de Santo Amaro houve onze óbitos (sete homens e quatro mulheres), mas não se sabe quantos foram os doentes.

Durante esta epidemia, o doutor J. Monteiro empregou (ilegível) entre outros meios, escalda-pés com uma forte cocção da planta brasileira chamada Erva do bicho. No interior da província de Santa Catarina, esta planta moída com a farinha de mandioca, é usada como sanapismo.

Hospitais – Eu devo ao Dr. J. Bayol, segundo médico da Vênus, a seguinte nota: No Desterro existem três hospitais:

1º - O Hospital Civil (Hospital de Caridade, admiravelmente situado sobre uma colina, um pouco abrigado dos pampeiros, tendo uma vista magnífica da cidade e da enseada. . Tem água excelente. Um jardim faz parte das dependências do hospital: irmãs de caridade brasileiras são encarregadas dos detalhes interiores.

Número de leitos: por volta de 130, estes leitos, a maior parte de madeira, me parece um pouco juntos demais. As enfermarias, em número de seis (4 para os homens, 2 para as mulheres), são bastante arejadas, mas deixam a desejar quanto ao asseio. Havia neste hospital 85 doentes na época da minha visita (outubro de 1875), entre eles um francês sofrendo de catarata dupla. Dois médicos são encarregados do serviço. É para o Caridade que os navios franceses de folga em Santa Catarina enviam seus doentes graves, quando há urgência. Ao lado do

hospital se vê uma escola para moças e um orfanato. Há uma torre para receber as crianças enjeitadas.¹

2º - Hospital da Marinha – Pouco importante, não compreende mais que um andar. Este hospital, ou melhor, esta enfermaria (enfermaria de Santa Catarina), dispõe de 30 leitos. No dia da minha visita havia 15 doentes, dos quais 3 com varíola. Um médico da marinha (cirurgião primeiro tenente) e um farmacêutico (farmacêutico guarda marinha), são encarregados de assegurar o serviço. Este hospital recebe os doentes da estação naval, estes da Escola de Aprendizes de Marinheiros (quartel dos meninos) e os da grande embarcação estacionária Forte de Coimbra.

3º - Hospital Militar – Mais considerável do que o da Marinha, situado, como este último, não longe do hospital (ilegível), contém por volta de 60 leitos, espalhados por duas salas e 2 reservados para oficiais doentes. Aí se encontravam 18 doentes, dos quais um com varíola, deitado na sala comum. Um médico do exército é encarregado deste estabelecimento.

¹ O Doutor Ribeiro de Almeida dá algumas informações sobre a mortalidade no hospital civil do Desterro durante o período de 1854 a 1862:

Média das entradas por ano – 280

Média por óbitos – 50

A mortalidade foi durante o período acima de mais ou menos 18%. No Hospital da Misericórdia do Rio de Janeiro, a mortalidade média nos três anos de 1870/1872 não ultrapassa de 13% a 14%.

Os conceitos, as informações e opiniões expressas nos artigos assinados e aqui publicados são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores, que gozam de ampla liberdade de opinião, crítica e estilo.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Os trabalhos submetidos a Revista *Ágora*, serão encaminhados aos membros do Conselho Editorial para avaliação.

A Revista estabelece as seguintes recomendações para publicação de trabalhos:

1. ELEMENTOS PRÉ-TEXTUAIS

1.1 Título

Deve ser conciso e claro, expressando o conteúdo do artigo. O título deverá ser apresentado em letras maiúsculas, fonte Times New Roman, tamanho 14, em negrito e centralizado, o subtítulo deverá ser em letra maiúscula, Times New Roman, tamanho 12, seguindo as normas de numeração.

1.2 Autores

- Informar o nome do(s) autor(es), por extenso, evitando abreviaturas. No caso de mais de um autor, colocar um embaixo do outro, em letras minúsculas, fonte Times New Roman, tamanho 10, em negrito e centralizado. Separar o nome dos autores do título do artigo, com 2 espaços em branco.

- Informar os seguintes dados sobre o(s) autor(es): Nome completo (evitar abreviaturas); titulação; instituição; cargo/função que desempenha(m); endereço completo; telefone e correio eletrônico, (sendo os 3 últimos itens opcionais).

2. ELEMENTOS TEXTUAIS

2.1 Texto

Corpo do artigo estruturado em: introdução, desenvolvimento e conclusão. No caso de divisão em seções, sua ordenação deverá seguir o sistema de numeração progressiva.

Para citações no texto, utilizar o sistema Autor, data – ver NBR 10520. O texto deverá ser apresentado utilizando a fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaço 1 cm entrelinhas.

2.2 Elementos de Apoio

Notas, citações, gráficos, tabelas, figuras, quadros, fotografias, etc, devem ser limitadas ao mínimo indispensável.

2.3 Referências bibliográficas

As referências bibliográficas deverão estar normalizadas de acordo com a NBR 6023/01 da ABNT. O Título da obra (título da revista, livro, etc.) em itálico em corpo 10, espaçamento 1.

2.4 Ortografia e gramática

A Correção ortográfica e gramatical dos textos submetidos é de responsabilidade dos autores.

3. OUTRAS INFORMAÇÕES

- Os trabalhos deverão ter a extensão de 10 (dez) laudas;
- Os trabalhos deverão ser digitados em Word for Windows com as seguintes especificações: fonte Times New Roman – tamanho 12, papel branco tamanho A4, com espaço entre linhas de 1 cm com margem esquerda de 3,0 cm e demais margens (direita, superior e inferior) com 2 cm;
- Não paginar o artigo;
- Enviar uma cópia do trabalho em disquete, acompanhado de 1 (uma) cópia em papel.
- Os originais, bem como os disquetes serão devolvidos aos respectivos autores, após a publicação.;
- Os autores receberão 2 (dois) exemplares do fascículo;
- Os trabalhos deverão ser enviados para:

ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DO ARQUIVO PÚBLICO
DO ESTADO DE SANTA CATARINA
Av. Mauro Ramos, 1264 - Centro
88020-302 – FLORIANÓPOLIS - SC
fone: (48) 3224-6080 / Fax: (48) 3224-7019
e-mail: associacaoamigos_sc@hotmail.com

ASSOCIAÇÃO DE AMIGOS DO ARQUIVO PÚBLICO

LISTA DE PREÇOS PROMOCIONAIS

PUBLICAÇÕES	PREÇO
01 ⇨ Revista Agora nºs 01 a 04, 08 a 10, 12, 14 a 16, 18 a 35 e 37 a 39.	R\$ 05,00 cada exemplar
02 ⇨ Revista Agora nºs 05, 06 e 07 edições esgotadas (cópia xerox).	R\$ 10,00 cada exemplar
03 ⇨ Revista Agora nº 13 – Manual de conservação de documentos. Revista Agora nº 17 – Manual de organização de arquivos. Revista Agora nº 36 – Catálogo onomástico das imagens fotográficas.	R\$ 07,00 cada exemplar
04 ⇨ Arquivo Público: inventário da produção intelectual – Leda Maria d'Ávila da Silva Prazeres e Iaponam Soares.	R\$ 04,00
05 ⇨ Águas passadas – José Cordeiro	R\$ 03,00
06 ⇨ Arquivos & Documentos em Santa Catarina – Organizado por Iaponam Soares de Araújo. (Anais do I Encontro de Arquivos Catarinenses) cópia xerox.	R\$ 10,00
07 ⇨ Anais do III, IV e V Encontro Catarinense de Arquivos e do I e II Painel de Arquivos Sul-Brasileiros.	R\$ 05,00 cada exemplar
08 ⇨ Anais do VI, VII e VIII Encontro Catarinense de Arquivos (1 volume).	R\$ 15,00
09 ⇨ História do município de Biguaçu – Iaponam Soares.	R\$ 02,00
10 ⇨ Arquivo Público: 30 anos (1960-1990).	R\$ 04,00
11 ⇨ 110 reflexões de um gerente governamental – Piero Carlo Prado Falci.	R\$ 03,00
12 ⇨ Confissões de amor – Leatrice Moellmann.	R\$ 03,00
13 ⇨ Como quem acha um tesouro – Flávio José Cardozo & Nereu Corrêa.	R\$ 03,00
14 ⇨ Coronealismo urbano em Joinville; o caso Abdon Basptista – Raquel S. Thiago.	R\$ 03,00
15 ⇨ Gente de minha terra: memória de Laguna – José Bessa.	R\$ 03,00
16 ⇨ Eleições diretas – Maria Regina Boppré.	R\$ 04,00
17 ⇨ Feliciano Nunes Pires: relatório e fala no governo de Santa Catarina - APESC.	R\$ 02,00
18 ⇨ Guia dos arquivos municipais – APESC.	R\$ 02,00
19 ⇨ Guia de fontes para a história da África – 2 volumes.	R\$ 10,00
20 ⇨ Inventário analítico do fundo privado do Ex-governador Jorge Lacerda – Valéria G. Ghanem.	R\$ 05,00
21 ⇨ Luz e sombra - José Cordeiro.	R\$ 04,00
22 ⇨ A Secretaria da Justiça e sua relação com a educação – Ana Maria Martins Coelho Corrêa.	R\$ 03,00
23 ⇨ Notícia Histórica de Biguaçu nºs 01, 02, 05 e 06 (edição nº 01 esgotada) cópia xerox.	R\$ 02,00 cada exemplar
24 ⇨ Ogê Mannebach – José Cordeiro.	R\$ 03,00
25 ⇨ Pequeno livro – Hermes Justino Patrianova.	R\$ 04,00
26 ⇨ A República catarinense; notas para sua história – Henrique Boiteux.	R\$ 06,00
27 ⇨ Bayer Filho. O político e o Tribunal de Contas – Vanderlei Rouver.	R\$ 04,00
28 ⇨ Sesmarias concedidas por Manuel Escudero – 1753	R\$ 02,50
29 ⇨ Você sabe remar? – Aristides Nollin e Pedrinho Vignini.	R\$ 02,00
30 ⇨ Ausência – Neri Paes de Farias Filho.	R\$ 02,00
31 ⇨ 500 anos do descobrimento uma nova dialética – Carlos R. L. Mendonça.	R\$ 25,00
32 ⇨ Dos Açores ao Brasil Meridional: uma viagem no tempo –Wilson Francisco de Farias.	R\$ 20,00
33 ⇨ Santa Catarina: revista de propaganda do estado e dos municípios.	R\$ 05,00
34 ⇨ Atuação parlamentar senador Carlos Gomes de Oliveira.	R\$ 03,00

